

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS

JANINE MARINHO DE OLIVEIRA

**PERFIL DA AUTOMEDICAÇÃO EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS  
REVISÃO DE LITERATURA**

MACEIÓ

2021

JANINE MARINHO DE OLIVEIRA

**PERFIL DA AUTOMEDICAÇÃO EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS  
REVISÃO DE LITERATURA**

Trabalho de conclusão do curso apresentado ao Instituto de Ciências Farmacêuticas, para obtenção do título em bacharel em Farmácia pela Universidade Federal de Alagoas.

**Orientador: Prof. Dr. Alfredo Dias de Oliveira Filho**

MACEIÓ

2021

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

- O48p Oliveira, Janine Marinho de.  
    Perfil da automedicação em estudantes universitários : revisão de literatura /  
    Janine Marinho de Oliveira. – 2021.  
    43 f.
- Orientador: Alfredo Dias de Oliveira Filho.  
    Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Farmácia) – Universidade  
    Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Farmacêuticas. Maceió, 2021.
- Bibliografia: f. 37-43.
1. Automedicação - Estudantes universitários. 2. Medicamentos sem prescrição. I.  
    Título.

CDU: 615.035

## RESUMO

**INTRODUÇÃO:** A automedicação é a seleção e o uso de medicamentos de venda livre em farmácias e drogarias, sem a orientação de um profissional da saúde habilitado, com o objetivo de tratar doenças e sintomas autorreferidos pelo paciente. É uma prática que vem crescendo no mundo devido ao fácil acesso e obtenção de Medicamentos Isentos de Prescrição (MIPs), em que o paciente procura solucionar de forma imediata os sintomas sentidos. Sendo a automedicação relacionada com o nível de conhecimento do paciente sobre o medicamento, é comum que estudantes universitários, principalmente da área da saúde, recorram a essa prática, fazendo o uso frequente de analgésicos para tratar dores em geral.

**OBJETIVO:** Revisar a literatura sobre a automedicação entre estudantes universitários.

**MÉTODO:** Foi realizada uma revisão de literatura consultando-se artigos científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais nas bases de dados PUBMED, GOOGLE SCHOLAR e SCIELO.

**RESULTADOS:** Foram encontrados na literatura 298 artigos científicos que mencionavam automedicação. Após a leitura dos resumos, foram analisados 80 artigos e ao final, 18 estudos sobre a prevalência da automedicação entre estudantes universitários foram incluídos. A prevalência de automedicação variou entre 33,7% e 96,5% dos estudantes. A média de prevalência foi de 72,3%.

**CONCLUSÃO:** A automedicação entre os universitários mostrou-se ser uma prática frequente, apresentando uma alta taxa de prevalência, independente do país ou do curso de graduação cursado. As condições clínicas mais relatadas, que levaram a automedicação foram tosses, resfriados, distúrbios intestinais, infecções, alergias e dores em geral, principalmente dores de cabeça.

**Palavras-chave:** automedicação. estudantes universitários. MIPs.

## ABSTRACT

**INTRODUCTION:** Self-medication is the selection and use of over-the-counter medications in pharmacies and drugstores, without the guidance of a qualified health professional, in order to treat diseases and symptoms self-reported by the patient. It is a practice that has been growing in the world due to the easy access and obtaining of Non-Prescription Drugs (MIPs), in which the patient seeks to solve the symptoms immediately. Since self-medication is related to the patient's level of knowledge about the medication, it is common for university students, mainly in the health area, to resort to this practice, making frequent use of analgesics to treat pain in general. **OBJECTIVE:** To review the literature on self-medication among university students. **METHOD:** A literature review was carried out by consulting scientific articles published in national and international journals in the PUBMED, GOOGLE SCHOLAR and SCIELO databases. **RESULTS:** There were 298 scientific articles in the literature that mentioned self-medication. After reading the abstracts, 80 articles were analyzed and, at the end, 18 studies on the prevalence of self-medication among university students were included. The prevalence of self-medication varied between 33.7% and 96.5% of students. The average prevalence was 72.3%. **CONCLUSION:** Self-medication among university students proved to be a frequent practice, with a high prevalence rate, regardless of the country or the undergraduate course taken. The most reported clinical conditions that led to self-medication were coughs, colds, intestinal disorders, infections, allergies and pain in general, especially headaches.

**Keywords:** self-medication. university students. OTC Drugs.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1:</b> Classes de medicamentos consumidas por universitários de enfermagem.....	<b>32</b>
---	-----------

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Medicamentos e fatores associados a automedicação entre universitários no Brasil.....	<b>23</b>
<b>Tabela 2:</b> Principais classes de medicamentos utilizados por universitários na África Oriental.....	<b>24</b>
<b>Tabela 3:</b> Uso de psicoestimulantes por universitários de medicina.....	<b>23</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Requisitos da teoria do autocuidado.....	<b>14</b>
<b>Quadro 2:</b> Sistemas da teoria dos sistemas de enfermagem.....	<b>15</b>
<b>Quadro 3:</b> Relação dos MIPs presentes na RENAME.....	<b>18</b>
<b>Quadro 4:</b> Os 10 medicamentos mais vendidos no Brasil.....	<b>19</b>
<b>Quadro 5:</b> Relação entre intoxicação e óbitos por automedicação.....	<b>21</b>
<b>Quadro 6:</b> Prevalência da automedicação em estudantes universitários, motivos e áreas de graduação.....	<b>28</b>
<b>Quadro 7:</b> Medicamentos mais utilizados por universitários.....	<b>32</b>
<b>Quadro 8:</b> Principais razões relatadas para a prática da automedicação.....	<b>33</b>

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**OMS:** Organização Mundial da Saúde

**MIPs:** Medicamentos Isentos de Prescrição

**OTC:** Over the Counter

**SINITOX:** Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas

**RENAME:** Relação Nacional de Medicamentos

**ABIMIP:** Associação Brasileira de Medicamentos Isentos de Prescrição

**EUA:** Estados Unidos da América

**ANVISA:** Agência Nacional de Vigilância Sanitária

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2. OBJETIVOS.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 Objetivo Geral.....</b>	<b>13</b>
<b>2.2 Objetivo Específico.....</b>	<b>13</b>
<b>3. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>14</b>
<b>3.1 Autocuidado.....</b>	<b>14</b>
<b>3.2 Automedicação.....</b>	<b>16</b>
<b>3.3 Comercialização dos MIPs.....</b>	<b>17</b>
<b>3.3.1 Dispensação dos MIPs nas Farmácias Comunitárias Públicas (SUS).....</b>	<b>17</b>
<b>3.3.2 Dispensação dos MIPs nas Farmácias Comunitárias Privadas.....</b>	<b>19</b>
<b>4. EPIDEMIOLOGIA.....</b>	<b>20</b>
<b>5. AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS.....</b>	<b>21</b>
<b>6. MÉTODO.....</b>	<b>25</b>
<b>7. RESULTADOS.....</b>	<b>26</b>
<b>7.1 Perfil da Automedicação em Estudantes Universitários.....</b>	<b>28</b>
<b>7.2 Fatores Sociodemográficos.....</b>	<b>31</b>
<b>7.3 Uso de MIPs por Estudantes Universitários.....</b>	<b>31</b>
<b>8. DISCUSSÃO.....</b>	<b>34</b>
<b>9. CONCLUSÃO.....</b>	<b>36</b>
<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>37</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Segundo Domingues, *et al.* (2017), a OMS define automedicação como a seleção e o uso de medicamentos para tratar sintomas e doenças autorreferidas pelo paciente, sem a orientação de um profissional de saúde habilitado. A prática de se medicar é caracterizada pela iniciativa de um paciente, ou seu responsável, em obter e utilizar medicamento que acredita lhe trazer benefícios no tratamento de doenças. Além desta, outras formas de automedicação comuns são: reutilização de receitas médicas, recomendações de familiares, propagandas publicitárias, amigos ou auxiliares e técnicos de farmácias (ZANINI, 1988 *apud* MATOS, *et al.* 2018).

O uso indiscriminado de medicamentos pode acarretar riscos à saúde e isso se deve ao fácil acesso ao mesmo (SCHWEIM, 2015 *apud* DOMINGUES, *et al.* 2017), como por exemplo, os Medicamentos Isentos de Prescrição (MIPs). Alguns dos riscos para o indivíduo são: atraso no diagnóstico, prescrição inadequada de medicamento, dependência, interação medicamentosa, reações alérgicas e intoxicações (sendo uma das principais ocorrências por automedicação) (FIGUEIREDO, *et al.*, 2012 *apud* MATOS, *et al.* 2018).

Os MIPs ou OTC (Over-the-Counter), são os medicamentos de venda livre em farmácias e drogarias, ou seja, medicamentos que não necessitam de prescrição médica para serem comercializados, assim regulamentados pelos órgãos competentes. Dentro desse grupo encontram-se os medicamentos de baixo risco de abuso, como os analgésicos e antitérmicos, e o fácil acesso a esses medicamentos está relacionado a prática da automedicação (KISHI, *et al.* 2010).

O Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (Sinitox) relata que os medicamentos são a principal causa de intoxicação humana por agente tóxico, isso é devido ao mau uso dos mesmos. (Sinitox/Fiocruz, 2018). Segundo Santos e Boing (2018), os casos relacionados com intoxicação por medicamentos, no período de 2000 a 2014, apresentaram uma taxa de 0,1% de óbitos e 0,4% de hospitalizações no Brasil.

Em um estudo realizado com 40.833 pessoas no Brasil, a prevalência de automedicação foi de 16,1%, sendo maior na população feminina (20 – 39 anos) da região nordeste (ARRAIS, *et al.* 2016).

A automedicação está relacionada com o grau de instrução e o nível de conhecimento dos indivíduos sobre os medicamentos e também a facilidade de acesso ao mesmo. Com isso,

é possível verificar essa prática de forma comum entre estudantes universitários, independente do curso de graduação (GALATO, *et al.* 2012).

Segundo Galato, *et al.* (2012), o uso de MIPs é mais comum entre graduandos na área da saúde, devido aos seus conhecimentos sobre os medicamentos, seus efeitos e os sinais e sintomas apresentados. Também foi possível verificar que as condições clínicas mais relatadas entre os universitários foram dores em geral, sendo os analgésicos os medicamentos mais utilizados por esse grupo.

Tendo isso em vista, o objetivo desse trabalho é investigar o perfil e a prevalência de automedicação em estudantes universitários, bem como os fatores associados a tal prática.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

- Realizar uma revisão de literatura sobre a automedicação em estudantes universitários.

### **2.2 Objetivos Específicos**

- Identificar publicações científicas sobre a prática da automedicação em estudantes universitários no Brasil e no mundo;
- Identificar quais os medicamentos mais utilizados por estudantes universitários;
- Verificar quais as condições clínicas identificadas que levam os estudantes a se automedicarem;
- Identificar os motivos que levam os estudantes universitários a se automedicarem.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 Autocuidado

O autocuidado refere-se à percepção do indivíduo de cuidar de si próprio, com o objetivo de promover e preservar a saúde (DIÓGENES & PAGLIUCA, 2003).

A OMS define como autocuidado (Auto [do grego Autos] = “por si próprio” e cuidado = atenção, responsabilidade) o ato do indivíduo estabelecer e manter a própria saúde e como lidará com a doença. Esse conceito envolve atos, como a higiene (geral e pessoal), a nutrição (tipo e qualidade dos alimentos), o estilo de vida (atividades esportivas e lazer), fatores ambientais (condições de vida e hábitos) e socioeconômicos (nível de renda, crenças culturais, etc) e automedicação (MONTEIRO, 2018).

O conceito de autocuidado começou a ser amplamente conhecido em 1959, quando a enfermeira Dorothea Orem o inseriu na prática de enfermagem. Orem entendia que o indivíduo tem a capacidade de cuidar de si, com o objetivo de preservar sua saúde e bem-estar (McCORMACK, 2003).

A Teoria do Autocuidado desenvolvida por Orem é dividida em três partes inter-relacionadas: Teoria do Autocuidado, Teoria do Deficit do Autocuidado e Teoria dos Sistemas de Enfermagem (SANTOS, *et al.* 2017).

- Teoria do Autocuidado: ocorre sempre que o indivíduo busca seu bem-estar, busca melhorar a qualidade de vida e manter sua saúde. Dentro dessa teoria tem-se os requisitos de autocuidado, que são os universais, desenvolvimentais e desvio de saúde (DIÓGENES & PAGLIUCA, 2003).

Abaixo segue um quadro com os requisitos do autocuidado.

**Quadro 1 - Requisitos da teoria do autocuidado**

<b>UNIVERSAIS</b>	<b>DESENVOLVIMENTAIS</b>	<b>DESVIO DE SAÚDE</b>
Relacionado com a integridade e da estrutura do humano.	O indivíduo precisa se adaptar as mudanças que possam surgir.	O indivíduo se encontra em estado patológico e precisa buscar assistência médica e seguir as recomendações.

Fonte: Adaptado de DIÓGENES & PAGLIUCA, 2003

- Teoria do Deficit do Autocuidado: ocorre quando o indivíduo não pode promover o autocuidado e precisa recorrer a ajuda especializada, a enfermagem. Os métodos aplicados nessa teoria são: agir ou fazer pelo outro, guiar o outro, apoiar o outro e ensinar o outro (DIÓGENES & PAGLIUCA, 2003).
- Teoria dos Sistemas de Enfermagem: essa teoria é baseada no entendimento e na capacidade do paciente em executar o autocuidado, e é dividido em três sistemas (DIÓGENES & PAGLIUCA, 2003).

Abaixo, no quadro 2, é possível observar os três sistemas de enfermagem do autocuidado.

**Quadro 2 - Sistemas da teoria dos sistemas de enfermagem**

<b>TOTALMENTE COMPENSATÓRIO</b>	<b>PARCIALMENTE COMPENSATÓRIO</b>	<b>APOIO-EDUCAÇÃO</b>
O paciente é incapaz de cuidar de si e é assistido pela enfermagem.	O paciente e a enfermagem trabalham em conjunto para alcançar o autocuidado.	A enfermagem educa e treina o paciente no autocuidado, quando o mesmo é capaz de fazê-lo.

**Fonte:** Adaptado de DIÓGENES & PAGLIUCA, 2003

O crescente interesse da população pelo autocuidado se deve a um maior potencial de gerenciar certas doenças por meio desse, a busca pelo bem-estar e pela promoção da saúde. Essa busca leva em consideração fatores socioeconômicos e estilo de vida, bem como o fácil acesso e uma maior disponibilidade de medicamentos (OMS, 1998).

O autocuidado tem como pilares o acesso e conhecimento sobre saúde, bem-estar mental e autoconsciência, atividade física, alimentação saudável, consciência de atitudes de risco (cigarro, álcool, etc.), boa higiene e uso racional de medicamentos (RAIMUNDO, 2018). É realizado pelo paciente com o objetivo de aliviar os sintomas sentidos e possíveis complicações, através da automedicação, levando a uma redução no tempo de recuperação e hospitalização (SANTOS, *et al.* 2017).

A automedicação, sendo uma prática consciente do uso de medicamentos e um dos pilares do autocuidado, ocorre quando o paciente tem uma percepção do próprio bem-estar, e em busca de aliviar os sintomas sentidos faz uso de algum medicamento (ARRAIS, 2016).

Deve ser feita de forma responsável, utilizando o medicamento para o fim ao qual ele foi produzido, na dose e forma farmacêutica adequada, e pelo tempo recomendado (OMS, 1998).

### 3.2 Automedicação

Segundo Arrais (2016), a automedicação é o uso de medicamentos sem a orientação e prescrição de um profissional da saúde habilitado, como médico ou dentista. É o ato de um indivíduo fazer uso de medicamentos por conta própria, com o objetivo de tratar e aliviar sintomas, podendo também ser definida como uma forma de autocuidado, em que o indivíduo identificará os sintomas e assim definirá qual o melhor medicamento para tratá-los (ARRAIS *et al.*, 2016).

O uso indiscriminado de medicamentos sem orientação de um profissional habilitado no diagnóstico, na prescrição ou durante o tratamento também são atos que constituem a automedicação pelo indivíduo (PEREIRA *et al.*). Bem como a reutilização de prescrições, modificação na forma de uso, e o uso de plantas medicinais e remédios caseiros (ARAÚJO *et al.* 2015).

Além de indicação própria, o indivíduo pode receber indicação de terceiros, como familiares e amigos, que baseados nos sintomas do indivíduo e experiências anteriores semelhantes, indicam algum medicamento (CASTRO *et al.* 2006).

A automedicação se enquadra no uso irracional de medicamentos, que pode levar a reações adversas, diminuição da eficácia, mascaramento de doenças e dependência. Dentre os fatores que podem levar a esse quadro estão: o uso simultâneo de vários medicamentos, o uso inapropriado dos medicamentos e prescrições inadequadas (FERNANDES & CEMBRANELLI, 2014).

Um grave problema relacionado com a automedicação é o uso incorreto e indiscriminado dos antibióticos, podendo levar a resistência antimicrobiana, inviabilizando o uso do medicamento em um tratamento futuro (GAMA & SECOLI, 2017).

A automedicação é inerente ao uso de MIPs, que são os medicamentos que não requerem apresentação de prescrição para serem dispensados, conhecidos como medicamentos de prateleira, e são indicados nos casos em que a doença é de baixa gravidade e evolução lenta, como por exemplo, uma dor de cabeça ou dor muscular. Esses medicamentos devem ter eficácia comprovada, devem ser de fácil utilização e de baixo risco de abuso para o

paciente. (KISHI *et al.* 2010). Além destes requisitos, a RDC 98/2016 classifica como MIPs os medicamentos que estejam há mais de 10 anos em comercialização; tenham baixo potencial de causar mal a saúde, mesmo usado de forma incorreta; com uso por períodos curtos e não seja por via parenteral (ANVISA, 2016).

O fácil acesso aos MIPs, nas farmácias e drogarias e o massivo marketing nos diversos meios de comunicação, tem contribuído cada vez mais com o aumento da automedicação, e consequentemente com os casos de intoxicação por medicamentos, devido o desconhecimento de possíveis interações medicamentosas ou fazer uso da dose acima do recomendado (CASTRO *et al.* 2006). Outros fatores que podem contribuir com o uso indiscriminado dessa classe de medicamentos é a polifarmácia domiciliar, o difícil acesso ao sistema de saúde, o baixo poder aquisitivo, etc. Apesar de serem isentos de prescrição, os MIPs não estão isentos da orientação de um profissional da saúde, geralmente um farmacêutico (SALOMON & BARBOSA, 2020).

Contudo, a automedicação também tem aspectos positivos, como uma forma de desafogar o sistema público de saúde e diminuindo gastos desnecessários. Em casos mais simples, como dores de cabeça por estresses do cotidiano, cólicas menstruais, dores musculares, náuseas ou enjoos, podem ser aliviados com o uso de medicamentos livres de prescrição e de forma correta, evitando assim uma superlotação nos postos de saúde e gastos desnecessários (CASTRO *et al.* 2006).

### **3.3 Comercialização dos MIPs**

#### **3.3.1 Dispensação dos MIPs nas farmácias comunitárias públicas (SUS)**

Os medicamentos utilizados na rede pública de saúde são os medicamentos considerados essenciais e só podem ser dispensados quando solicitados por prescrição de um profissional habilitado. Essa prescrição deve ser legível e conter informações da unidade de saúde, do prescritor, do paciente e o nome genérico do medicamento, obedecendo a Denominação Comum Brasileira (DCB) ou a Denominação Comum Internacional (DCI). Todos os medicamentos que fazem parte do SUS são medicamentos essenciais e constam na RENAME (Relação Nacional de Medicamentos) disponibilizada pelo Ministério da Saúde (PAULA, 2016).

A OMS define como medicamentos essenciais os medicamentos que satisfazem as necessidades de cuidado com a saúde de uma população, baseando-se em dados epidemiológicos da região (FIGUEIREDO *et al.* 2014).

Abaixo é possível ver no quadro a relação dos MIPs que estão na RENAME.

**Quadro 3 - Relação dos MIPs presentes na RENAME.**

Acido acetilsalicílico	Carvão vegetal
Ibuprofeno	Colecalciferol (Vit D3)
Naproxeno	Ondansetrona
Dipirona	Cloridrato de piridoxina (Vit B6)
Paracetamol	Carbonato de cálcio
Biotina (Vit H)	Cloridrato de tiamina (Vit B1)
Hidróxido de alumínio	Lactulose
Palmitato de retinol (Vit A)	Pancreatina
Ácido fólico (Vit B9)	Sulfato ferroso
Ácido nicotínico (Vit B3)	Óleo mineral

**Fonte:** Autora, 2021.

Em uma pesquisa realizada em 2015 pela Associação Brasileira de Medicamentos Isentos de Prescrição (ABIMIP) constatou-se que em 2014 foram realizadas 220 milhões de consultas emergenciais no SUS, sendo que em 18% dessas consultas foi prescrito um MIP e 10% dessas consultas foram desnecessárias, podendo ser resolvidas com o uso de um MIP, o que poderia gerar uma economia de 44 milhões de reais (ABIMIP, 2016).

A prática do autocuidado pela população pode gerar uma economia ao sistema público de saúde, que pode tratar seus problemas menores de saúde com o uso de MIPs sob orientação de um profissional, evitando assim uma superlotação desnecessária das unidades de saúde, bem como gastos desnecessários, possibilitando o direcionamento dos recursos em outras áreas da saúde (DOMINGUES *et al.* 2017).

### 3.3.2 Dispensação dos MIPs nas farmácias comunitárias privadas

Os medicamentos que fazem parte do grupo de MIPs não necessitam de prescrição de um profissional habilitado, porém não dispensam a orientação de um profissional da saúde.

Sua segurança e eficácia devem ser comprovadas e são normalmente medicamentos utilizados em casos leves, como dores de cabeça ou musculares, pequenos ferimentos, resfriados, etc (SALOMON & BARBOSA, 2020).

A comercialização dos MIPs tem crescido gradativamente, devido ao fácil acesso em drogarias, as propagandas comerciais que induzem a compra (televisivas, outdoors, divulgação sonora nas drogarias, etc), o nível de conhecimento, o baixo poder aquisitivo e o difícil acesso ao sistema público de saúde (SALOMON & BARBOSA, 2020).

O uso de MIPs, além de gerar uma economia para o sistema público de saúde, gera uma economia para o próprio usuário, que bem orientado por um profissional, não necessita gastar com consultas e exames que possam ser desnecessários (ABIMIP, 2016).

No Brasil, os MIPs têm grande impacto no mercado farmacêutico, representando aproximadamente 30% do mercado de vendas (SALOMON & BARBOSA, 2020).

As classes de medicamentos mais vendidas no Brasil são os analgésicos e relaxantes musculares, tendo uma venda mais expressiva no mercado farmacêutico o *Dorflex* (CARVALHAES *et al.* 2019), como pode ser visto no quadro abaixo.

**Quadro 4 - Os 10 medicamentos mais vendidos no Brasil**

1° Dorflex (dipirona, orfenadrina e cafeína)	6° Glifage XR (metformina)
2° Xarelto (rivaroxabana)	7° Torsilax (cafeína, carisoprodol, diclofenaco e paracetamol)
3° Saxenda (liraglutida)	8° Victoza (liraglutida)
4° Neosaldina (dipirona, isometepteno, cafeína)	9° Puran T4 (levotiroxina)
5° Addera D3 (colecalférol)	10° SeloZok (metoprolol)

Fonte: Adaptado de INTERFARMA, 2019

No mercado internacional, os países que mais comercializam os MIPs são os Estados Unidos da América (EUA), Rússia, Ucrânia e Polônia.

Nos EUA os MIPs representam 13,6% do total de vendas de medicamentos, sendo gastos em 2018 mais de \$35 bilhões. Na Europa, os países com maior participação no mercado mundial dos MIPs são a Rússia, com 48,5%; a Ucrânia, com 43,9% e a Polônia, com 41,8% do total de vendas de medicamentos (SALOMON & BARBOSA, 2020).

#### 4. EPIDEMIOLOGIA

Em Wuhan, na China, um estudo realizado por Lei *et al.* (2018) revelou que a prevalência de automedicação entre a população estudada foi de 45,4%, sendo 50,8% mulheres e 49,2% eram homens, e a faixa etária desse grupo ficou entre 21-60 anos. A condição clínica mais comum foi resfriado.

Em Adis Adeba, Etiópia, a prevalência de automedicação foi de 75,5%, sendo 69,9% dos entrevistados mulheres e 30,1% homens. A média da faixa etária foi de 41 anos. A condição clínica mais relatada foi dor de cabeça e o medicamento mais usado foi o paracetamol (SHAFIE *et al.* 2018).

Em Asmara, Eritreia, a prevalência de automedicação foi de 93,7% entre os entrevistados, sendo 65,1% de homens e 34,9% de mulheres. Os medicamentos mais usados foram os analgésicos (TESFAMARIAN *et al.* 2019).

Segundo Arrais (2016), a prática de automedicação no Brasil tem alta taxa de prevalência, sendo de 16,1%. É mais prevalente entre as mulheres do que entre os homens, respectivamente 19% e 13,1%, numa faixa etária de 20-39 anos (21,6%).

No Distrito Federal, um estudo realizado por Domingues *et al.* (2017), mostrou que dos 1.820 entrevistados, 69,2% eram mulheres e dessas, em média 35% realizaram automedicação. A prevalência de automedicação nessa região foi de 14,9%, numa faixa etária de 18 – 65 anos, sendo predominante entre adultos jovens de 35 – 49 anos.

Na região Norte, a prevalência de automedicação foi de 17,8%, na região Sudeste foi de 12,8% e Sul, 11,4%. A taxa de automedicação pela população da região Nordeste foi maior (23,8%), comparada com as outras regiões, sendo a região Centro-Oeste a segunda maior (19,2%). Os medicamentos mais utilizados foram da classe de analgésicos (dipirona / *Dorflex* / paracetamol) (ARRAIS, 2016).

Os casos de intoxicação por medicamentos, segundo dados do SINITOX, ficou entre os principais motivos de internações no Brasil, num período de 2015-2017, sendo registrado um óbito no ano de 2017, e não foi relatado a ocorrência de outros óbitos em anos anteriores.

**Quadro 5** - Relação entre intoxicação e óbitos por automedicação

	2015	2016	2017
INTOXICAÇÕES	998 casos (3,46%)	1013 casos (3,13%)	397 casos (1,92%)
ÓBITOS	-	-	1 caso

**Fonte:** Adaptado de SINITOX, 2021.

## 5. AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

O uso de medicamentos sem prescrição por universitários, sendo de venda livre ou não, está relacionado com seu nível de conhecimento sobre medicamentos, influência de familiares e amigos, facilidade de acesso a medicamentos e sua área de formação (OLIVEIRA *et al.* 2019).

Na tabela abaixo é feita uma correlação entre os medicamentos mais utilizados por universitários e os motivos que levaram a essa prática.

**Tabela 1** - Medicamentos e fatores associados a automedicação entre universitários no Brasil

<b>Variáveis</b>	<b>n (%)</b>
<b>Problemas de saúde (n =125)</b>	
Dor em geral	113 (90,4)
Gripes e resfriado	25 (20,0)
Dor de estômago	5 (4,0)
Rinite	5 (4,0)
Tosse	4 (3,2)
Outros	26 (20,8)
<b>Medicamentos (n = 216)</b>	
Paracetamol	34 (14,3)
Paracetamol + associação	14 (6,5)
Dipirona	26 (12,0)
Dipirona + associação	19 (8,8)
Orfenadrina + Dipirona	13 (6,0)
Belladona e derivados	5 (2,3)
<b>Motivos (n = 343)</b>	
Praticidade e comodidade	204 (59,5)
Facilidade de compra na farmácia	167 (48,7)
Falta de acesso aos serviços de saúde	21 (6,1)
Falta de dinheiro	12 (3,5)
Outros	18 (5,2)
<b>Influências para a automedicação (n = 356)</b>	
Farmacêutico ou funcionários da farmácia	175 (49,2)
Familiares, vizinhos e amigos	174 (48,9)
Conhecimento próprio	157 (44,1)
Prescrições antigas	90 (25,3)
Propaganda	30 (8,4)

Fonte: GALATO, 2012

**Tabela 2** - Principais classes de medicamentos utilizados por universitários na África Oriental

<b>Lista de medicamentos usados na automedicação</b>	<b>Frequência</b>	<b>Por cento (%)</b>
Analgésicos	305	64.6
Antipiréticos	192	40.7
Antibacteriano	120	25.4
Vitaminas e minerais	10	2.1
Antiemetic	8	1.7
Antiácido e anticu úlcera	7	1.5
Antifúngicos	6	1.3
Anti-alergia e medicamento usado em anafilaxia	6	1.3
Antimalárico	5	1.1
Medicina oftálmica	2	0.4
Laxantes	1	0.2
Catártico	1	0.2

Fonte: ARAIA, 2019

Além dos analgésicos, é possível observar que os universitários ainda fazem uso de outros medicamentos, como psicoestimulantes, sem prescrição médica, com o intuito de melhorar seu desempenho nas aulas e provas (PIRES et al, 2018).

Abaixo é possível ver os principais psicoestimulantes utilizados por universitários.

**Tabela 3** - Uso de psicoestimulantes por universitários de medicina

	<b>Sexo</b>	
	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>
<b>Psicoestimulantes</b>		
Metilfenidato	14 (43,76%)	42 (62,68%)
Dimesilato de Lisdexanfetamina	9 (28,12%)	5 (7,46%)
Ambos	9 (28,12%)	19 (28,36%)
Outros	-	1 (1,50%)
<b>Prescrição médica</b>		
Não	24 (75%)	52 (77,61%)
Sim	8 (25%)	15 (22,39%)
<b>Início do uso</b>		
Antes da faculdade	12 (37,50%)	19 (28,36%)
Durante a faculdade	20 (62,50%)	46 (68,65%)
Não lembra	-	2 (2,99%)

Fonte: PIRES et al., 2018

Outra classe de medicamentos comumente usada por universitários na prática da automedicação são os antibióticos. Os mais utilizados são as penicilinas e as condições clínicas mais relatadas são infecções do trato respiratório, como garganta inflamada. Tal prática indiscriminada pode levar ao problema de resistência antimicrobiana, levando a um problema de saúde mundial (HAQUE *et al.* 2019).

Dentre os cursos de graduação, os graduandos da área da saúde são os que mais praticam a automedicação devido ao seu conhecimento prévio sobre medicamentos e sua familiaridade com os mesmos, e sua percepção sobre os sintomas sentidos (ABDI *et al.* 2018).

## **6. MÉTODO**

Foi realizada uma revisão de literatura consultando-se artigos científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais nas bases de dados PUBMED, GOOGLE SCHOLAR e SCIELO. Os termos utilizados foram: automedicação (self medication), estudantes universitários (students) e MIPs (OTC drugs).

Foram incluídos estudos relacionados a automedicação praticada por estudantes universitários, levando em consideração os motivos e as principais condições clínicas.

A pesquisa foi realizada entre o período de novembro de 2019 a março de 2021.

Os artigos foram triados e analisados, e foram selecionados aqueles que tinham o perfil do estudo, sendo eles em português e inglês.

## **7. RESULTADOS**

Foram encontrados na literatura 298 artigos científicos que mencionavam automedicação. Após a leitura dos resumos, foram analisados 80 artigos. Ao final, 18 estudos sobre a prevalência da automedicação entre estudantes universitários foram incluídos.

Os artigos incluídos no presente estudo foram publicados no período de 2000 até 2021, sendo os artigos sobre relatos de casos.

A prevalência de automedicação variou entre 33,7% e 96,5% dos estudantes. A média de prevalência foi de 72,3%.

Em seguida é possível ver no quadro a prevalência de automedicação por estudantes e as condições clínicas que levaram a prática.

## 7.2 Perfil da automedicação em estudantes universitários

**Quadro 6** - Prevalência da automedicação em estudantes universitários, motivos e áreas de graduação.

ORIGEM	AUTOR	AMOSTRA	ÁREA GRADUAÇÃO	PREVALÊNCIA	MULHERES	HOMENS	CONDIÇÕES CLÍNICAS
BRASIL	GALATO <i>et al</i> (2012)	342	Saúde Gestão Tecnologias Comunicação	330 (96,5%)	237 (69,7%)	93 (30,3%)	Dores em geral, gripes e resfriados
BRASIL	AQUINO <i>et al</i> (2010)	223	Saúde	146 (65,5%)	137 (61,4%)	86 (38,6%)	Dores em geral, febre e resfriado
ÁFRICA	ARAIA <i>et al</i> (2019)	313	Saúde	293 (79,2%)	122 (85,9%)	108 (72,5%)	Dores em geral, resfriado e diarreia.
IRÃ	ABDI <i>et al</i> (2018)	250	Saúde	224 (89,6%)	163 (72,8%)	61 (27,2%)	Constipação, cefaleia, distúrbios gastrointestinais
	ESAN <i>et al</i>		Engenharias Saúde,				Dor de garganta,

NIGÉRIA	(2018)	384	Direito Ciências sociais.	297 (81,8%)	228 (62,8%)	135 (37,2%)	tosse e infecções
IRÃ	HASHEM ZAEI et al (2021)	170	Saúde	97 (57,1%)	92 (54,1%)	78 (45,9%)	Resfriados
ETIÓPIA	MEKURIA et al (2020)	344	Letras	234 (68,0%)	175 (50,9%)	169 (49,1%)	Dores em geral e resfriado
UGANDA	NIWANDI NDA et al (2020)	385	Saúde Tecnologias Computação	244 (63,5%)	175 (45,5%)	210 (54,5%)	Dores em geral, alergias e infecções
ÍNDIA	KUMAR et al (2013)	440	Medicina	346 (78,6%)	190 (43,2%)	250 (56,8%)	Dores em geral, gripes, diarreias, etc
KATMAN DU	KHADKA et al (2020)	76	Medicina	58 (76,6%)	34 (44,7%)	42 (55,3%)	Dores em geral, resfriados, febre, diarreia e alergias
NEPAL	SHRESTH A et al (2021)	199	Medicina Odontologia	100 (50,3%)	58 (61%)	42 (39%)	Dor de cabeça e febre
BRASIL	SILVA <i>et al</i> (2012)	789	Saúde Ciências Direito	682 (86,4%)	491 (62,5%)	295 (37,5%)	Dores em geral, febre, alergias, tosses e náuseas

			Geografia Engenharia				
ETIÓPIA	ZEWDIE <i>et al</i> (2020)	341	Saúde Economia Agricultura	167 (64,98%)	131 (30,99%)	197 (60,1%)	Dores em geral e infecções
KERMANS HAH	AHMADI <i>et al</i> (2016)	364	Medicina	123 (33,7%)	82 (66,5%)	41 (33,5%)	Dores em geral, alergias, febre e infecções

Fonte: Autora, 2021

### 7.3 Fatores sociodemográficos

No Irã, um estudo realizado com estudantes de farmácia e medicina, respectivamente 65 e 105 estudantes, observou-se que, a faixa etária entre esses estudantes é de 18-29 anos, 78 (45,9%) eram do sexo masculino e 92 (54,1%) eram do sexo feminino (HASHEMZAEI, 2021).

Em um estudo realizado na Etiópia, foram entrevistados universitários, em que 197 (60,1%) eram homens e 131 (39,9%) eram mulheres, numa faixa etária de 18 – 21 anos. A automedicação foi maior entre os estudantes de medicina e ciências da saúde 81 (23,8%) e negócios e economias 92 (27%) (ZEWDIE, 2020).

No Rio Grande, Brasil, um estudo mostrou que 491 (62,5) dos estudantes eram do sexo feminino e 295 (37,5) eram do sexo masculino, a faixa etária foi prevalente entre 20 – 30 anos (64,9), e 58% dos entrevistados que referiram fazer automedicação são da área da saúde (SILVA, 2012).

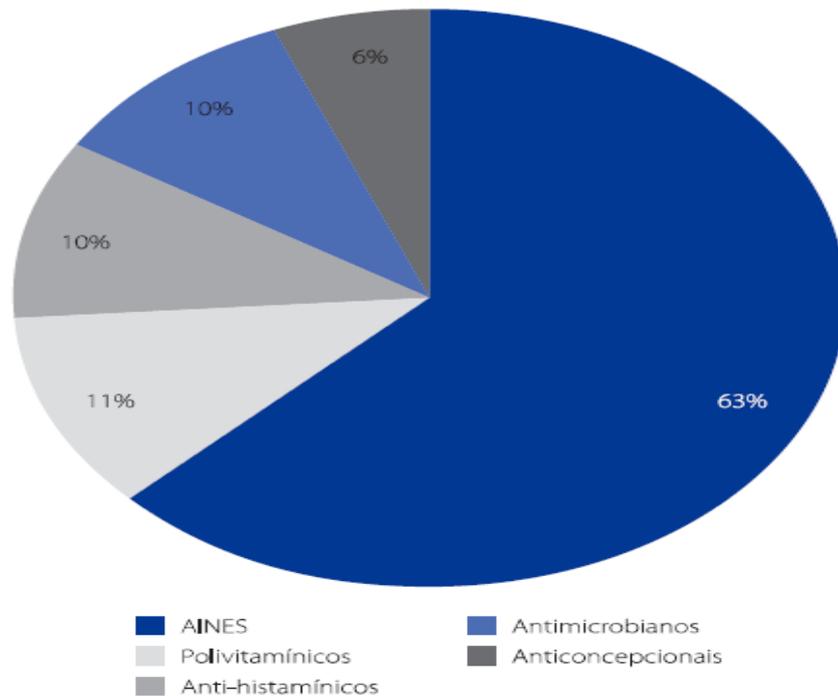
Galato (2012), realizou um estudo com estudantes da área da saúde, gestão e tecnologia, sendo que 81 (23,7%) dos entrevistados eram da área de saúde, 237 (69,7%) eram do sexo feminino e 105 (30,3%) do sexo masculino.

Em Pernambuco, a maioria dos entrevistados que se automedicaram eram do sexo feminino 137 (61,4%), e 86 (38,6%) do sexo masculino. Os universitários eram da área da saúde e estavam numa faixa etária de 20 – 22 anos (57%) (AQUINO, 2010).

### 7.3 Uso de MIPs por estudantes universitários

Em vários estudos realizados com estudantes universitários, identificou-se que os medicamentos mais usados são os da classe de analgésicos, e dentro dessa classe, o paracetamol foi o mais relatado (ESAN *et al.* 2018). Um exemplo disso, é um estudo feito no Amazonas, com estudantes de enfermagem, em que foi constatado que os medicamentos mais utilizados por eles foram o paracetamol e a dipirona (48,8%), e também uso de outras classes de medicamentos, como pode ser visto no gráfico abaixo (GAMA & SECOLI, 2017).

**Figura 1** - Classes de medicamentos consumidas por universitários de enfermagem em COARI – AM



**Fonte:** GAMA & SECOLI, 2017

Outro grupo de medicamentos bastante utilizado, sem prescrição médica, foram os antibióticos, com o objetivo de tratar dor de garganta, tosse, doenças gastrointestinais, entre outros sintomas. Esse uso indiscriminado pode agravar o problema de saúde, mascarando alguns sintomas, e pode levar a resistência antimicrobiana (HAQUE *et al.* 2019).

No quadro abaixo está as classes de medicamentos mais utilizados por estudantes universitários.

**Quadro 7** - Medicamentos mais utilizados por universitários

CLASSES	MEDICAMENTOS
1º analgésicos e antipiréticos	Paracetamol, dipirona e ibuprofeno
2º antibióticos	Amoxicilina, tetraciclina e penicilina

**Fonte:** Autora, 2021

Com menor frequência, também é relatado o uso de outros grupos de medicamentos, como multivitamínicos, antifúngicos (ALBUSALIH *et al.* 2017), anti-histamínicos (AHMADI *et al.* 2016), e também os psicostimulantes, que são utilizados com o intuito de acalmar e melhorar o desempenho cognitivo. Relatado o uso comum de cafeína, MDMA, anfetaminas, metilfenidato, entre outros (MORGAN *et al.* 2017).

Alguns dos motivos que levaram estudantes universitários a praticar automedicação é a não gravidade dos sintomas sentidos, experiências anteriores, falta de tempo e indicação de amigos e familiares (KUMAR *et al.* 2016).

No quadro abaixo é possível ver as principais razões que levaram os universitários a se automedicarem.

**Quadro 8** - Principais razões relatadas para a prática da automedicação

1° Leveza do problema de saúde
2° Indicação de amigos e familiares
3° Custo mais baixo
4° Experiências anteriores
5° Facilidade de acesso aos medicamentos
6° Solucionar o problema mais rapidamente

**Fonte:** Autora, 2021

As condições clínicas mais comuns, relatadas pelos universitários, que justificasse a automedicação, foram: dores de cabeça, febre, doenças respiratórias e gastrointestinais, e alergias (AHMADI *et al.* 2016).

## 8. DISCUSSÃO

A automedicação é uma prática bastante comum no mundo, independente de poder aquisitivo e nível de escolaridade. Esta prática é feita com o objetivo de tratar problemas menores de saúde, como dores em geral, alergias, ferimentos leves, entre outros, sem a necessidade de procurar uma unidade de saúde (ABDI *et al.* 2018).

Os motivos que levam um indivíduo a recorrer à automedicação podem ser vários, como: resolver imediatamente o problema de saúde que lhe acomete, falta de tempo para ir a uma consulta médica, não ter acesso fácil a uma unidade de saúde pública ou não ter condições financeiras para uma consulta particular, ter conhecimento sobre os sintomas sentidos e qual o medicamento que poderia solucionar o problema de saúde, experiências anteriores, indicação de terceiros, etc (ARAÚJO *et al.* 2015).

A automedicação é inerente aos MIPs, que são os medicamentos isentos de prescrição, ou seja, são de venda livre nas drogarias e qualquer pessoa tem acesso, o que leva ao uso indiscriminado destes. Esse uso, sem a orientação de um profissional da saúde pode levar a complicações que o indivíduo não possui conhecimento, como intoxicações por uso inadequado do medicamento, interações medicamentosas e também interações com alimentos, efeitos adversos, etc (KISHI, *et al.* 2010).

Em estudos publicados em vários países, concluiu-se que o uso de medicamentos sem prescrição, sendo de venda livre ou não, é comum entre estudantes universitários, independente do curso de graduação, apresentando altas taxas de prevalência, que variaram de 60% a 90%. Isso se deve ao nível de instrução desses, do nível de conhecimento e do poder aquisitivo. Foi possível observar que universitários da área da saúde, por terem mais conhecimento sobre os medicamentos e seus problemas, se usados de forma negligenciada, são os que mais fazem o uso desses (CASTRO *et al.* 2006).

Mas o uso indiscriminado de medicamentos não é realizado exclusivamente por universitários, mas também pela população em geral, como observou-se no estudo de Arrais *et al.* (2016). E assim como os analgésicos são os mais utilizados por aquele grupo, também é o mais utilizado pela população, com o objetivo aliviar de forma rápida dores em geral.

Com relação aos motivos que levaram estudantes e a população a praticarem a automedicação, concluiu-se que esses são comuns entre os grupos, como: percepção sobre os sintomas sentidos, conhecimento sobre o uso dos medicamentos (principalmente entre

estudantes da área da saúde), experiências anteriores, indicação de familiares e amigos, reutilização de receitas anteriores, polifarmácias domiciliares, baixo custo (quando comparado ao valor de uma consulta) e falta de tempo, com o objetivo de solucionar de forma rápida os sintomas sentidos (KUMAR *et al.* 2016).

Os estudos ainda demonstraram que a prática da automedicação é mais comum entre as mulheres, do que entre os homens, isso se deve ao fato de que as mulheres possuem uma maior percepção sobre seu estado de saúde e doença e se preocupam mais com suas condições clínicas. Além disso, lidam desde cedo com dores crônicas, como enxaquecas e dores menstruais, fazendo uso corriqueiro de analgésicos e relaxantes musculares para aliviar os sintomas. Constatou-se ainda que a idade média da população feminina que relatou se automedicar foi de 18 – 30 anos (OLIVEIRA *et al.* 2019).

Contudo, a prática de automedicar-se pode apresentar aspectos positivos e negativos. Como pontos negativos é possível destacar os casos de intoxicação por uso incorreto do medicamento, mascaramento de sintomas (dificultando um diagnóstico preciso) e interações medicamentosas e com alimentos. Os pontos positivos apresentados nos estudos foram diminuir a lotação dos sistemas de saúde, por motivos que podem ser tratados com a administração de MIPs (o que gera uma economia para o estabelecimento de saúde e para o indivíduo) e também evitar a perda de tempo, esperando para ser atendido para uma consulta (ABIMIP, 2016).

## 9. CONCLUSÃO

A automedicação entre os universitários mostrou-se ser uma prática frequente, apresentando uma alta taxa de prevalência, independente do país ou do curso de graduação cursado. Ao se automedicarem, os universitários levaram em consideração a gravidade dos sintomas sentidos e a durabilidade desses sintomas, tratando-os como problemas menores de saúde, não sendo necessário consultar um profissional da medicina. As condições clínicas mais relatadas, que levaram a automedicação foram tosses, resfriados, distúrbios intestinais, infecções, alergias e dores em geral, principalmente dores de cabeça.

Os motivos que levaram os universitários a se automedicarem foram comuns em vários estudos, como solucionar de forma mais rápida os sintomas sentidos, o fácil acesso aos medicamentos, a falta de tempo, o difícil acesso a saúde, entre outros.

É uma prática que pode provocar problemas de saúde, como efeitos adversos, mascaramento de sintomas, entre outros. Mas também pode ajudar a não superlotar unidades de saúde, por problemas que podem ser tratados com medicamentos isentos de prescrição e diminuir gastos.

Quando realizada de forma correta e com orientação de um profissional da saúde, a automedicação pode trazer benefícios, solucionando de forma mais célere e sem demais complicações os problemas de saúde.

A automedicação é uma prática que apresenta riscos, porém necessária.

## REFERÊNCIAS

DOMINGUES, P. H. F.; GALVÃO, T. F.; ANDRADE, K. R. C.; ARAÚJO, P. C.; SILVA, M. T.; PEREIRA, M. G. **Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional.** Disponível em: < <http://scielo.iec.gov.br/pdf/ess/v26n2/2237-9622-ess-26-02-00319.pdf>> Acesso em: 3 nov. 2019.

MATOS, J. F.; PENA, D. A. C.; PARREIRA, M. P.; SANTOS, T. C. **Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante.** Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cadsc/v26n1/1414-462X-cadsc-26-1-76.pdf>> Acesso em: 3 nov. 2019.

Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. Disponível em: < <https://sinitox.icict.fiocruz.br/no-brasil-37-crianças-e-adolescentes-são-vítimas-de-intoxicação-ou-envenenamento-todos-os-dias>> Acesso em: 05 nov. 2019.

SANTOS, G. A. S.; BOING, A. C. **Mortalidade e internações hospitalares por intoxicações e reações adversas a medicamentos no Brasil: análise de 2000 a 2014.** Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csp/v34n6/1678-4464-csp-34-06-e00100917.pdf>> Acesso em: 16 nov. 2019.

ARRAIS, P. S. D.; FERNANDES, M. E. P.; PIZZOL, T. S. D.; RAMOS, L. R.; MENGUE, D. S.; LUIZA, V. L.; TAVARES, N. U. L.; FARIAS, M. R.; OLIVEIRA, M. A. **Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados.** Disponível em: < [http://www.scielo.br/pdf/rsp/v50s2/pt\\_0034-8910-rsp-s2-S01518-87872016050006117.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rsp/v50s2/pt_0034-8910-rsp-s2-S01518-87872016050006117.pdf)> Acesso em: 16 nov. 2019.

GALATO, D.; MADALENA, J.; PEREIRA, G. B. **Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação.** Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n12/17.pdf>> Acesso em: 05 nov. 2019.

KISHI, M. A.; MENEGASSO, P. E.; RIZZI, R. C. D. **Medicamentos Isentos de Prescrição.** Disponível em: <[http://www.crfsp.org.br/documentos/materiaistecnicos/fasciculo\\_2.pdf](http://www.crfsp.org.br/documentos/materiaistecnicos/fasciculo_2.pdf)>. Acesso em: 16 nov. 2019.

ARRAIS, P. S. D.; FERNANDES, M. E. P.; PIZZOL, T. S. D.; RAMOS, L. R.; MENGUE, S. S.; LUIZA, V. L.; TAVARES, N. U. L.; FARIAS, M. R.; OLIVEIRA, M. A.; BERTOLDI, A. D. **Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados.** Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003489102016000300311&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003489102016000300311&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 21 fev. 2020.

PEREIRA, J. R.; SOARES, L.; HOEPFNER, L.; KRUGER, K. E.; GUTTERVIL, M. L.; TONINI, K. C.; DEVEGILI, D. A.; ROCHA, E. R.; VERDI, F.; DALFOVO, D.; OLSEN, K.; MENDES, T.; DERETTI, R.; SOARES, V.; LOBERMEYER, C.; MOREIRA, J.; FERREIRA, J.; FRANCISCO, A. **Riscos da automedicação: tratando com autoconhecimento.** Disponível

em:<[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/premio\\_medica/pdfs/trabalhos/mencoesjanuaria\\_amos\\_trabalho\\_completo.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/premio_medica/pdfs/trabalhos/mencoesjanuaria_amos_trabalho_completo.pdf)>. Acesso em: 21 fev. 2020.

ARAÚJO, A. L.; AREDA, C. A.; SILVA, E. V.; MEINERS, M. M. M. A.; GALATO, D. **Estudos brasileiros sobre automedicação: uma análise da literatura.** Disponível em: <<http://www.rbfarma.org.br/files/699—Estudos-brasileiros-sobre-automedicacao--uma-analise-da-literatura---Formatado---Review-1178---1201.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2020.

CASTRO, H. C.; AGUIAR, M. L. P.; GERALDO, R. B.; FREITAS, C. C.; ALCOFORADO, L. F.; SANTOS, D. O.; BARBOSA, C.; FONSECA, C.; ALÓ, C.; RANGEL, E.; TOLEDO, I.; FEITOSA, M.; RODRIGUES, C. R.; SANTOS, T. C.; CABRAL, L. M. **Automedicação: entendemos os riscos?** Disponível em: <<http://www.cff.org.br/sistemas/geral/revista/pdf/12/inf17a20.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2020.

FERNANDES, W. S.; CEMBRANELLI, J. C. **Automedicação e o uso irracional de medicamentos: o papel do profissional farmacêutico no combate a essas práticas.** Disponível em:<<https://revista.univap.br/index.php/revistaunivap/article/view/265/259>>. Acesso em: 21 fev. 2020.

GAMA, A. S. M.; SECOLI, S. R. **Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil.** Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rgenf/v38n1/0102-6933-rgenf-1983-144720170165111.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2020.

KISHI, M. A.; MENEGASSO, P. E.; RIZZI, R. C. D. **Medicamentos Isentos de Prescrição.** Disponível em: <[http://www.crfsp.org.br/documentos/materiaistecnicos/fasciculo\\_2.pdf](http://www.crfsp.org.br/documentos/materiaistecnicos/fasciculo_2.pdf)>. Acesso em: 21 fev. 2020.

ANVISA. **RDC 98/2016 Dispõe sobre os critérios e procedimentos para o enquadramento de medicamentos como isentos de prescrição e o reenquadramento como medicamentos sob prescrição, e dá outras providências.** Disponível em: <[http://www.sindifar.org.br/wp-content/uploads/2016/08/\\_files\\_RDC%2098\\_01%2008%2016\\_Medicamentos%20Isentos%20Prescri%C3%A7%C3%A3o.pdf](http://www.sindifar.org.br/wp-content/uploads/2016/08/_files_RDC%2098_01%2008%2016_Medicamentos%20Isentos%20Prescri%C3%A7%C3%A3o.pdf)>. Acesso em: 01 mar. 2020.

SALOMON, F. C. R.; BARBOSA, J. R. **BOLETIM DE FARMACOVIGILÂNCIA MEDICAMENTOS ISENTOS DE PRESCRIÇÃO.** Disponível em: <<https://www.gov.br/anvisa/pt-br/centraisdeconteudo/publicacoes/fiscalizacao-e-monitoramento/boletins-de-farmacovigilancia/boletim-de-farmacovigilancia-no-09.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2020.

SINITOX. **Casos e Óbitos Registrados de Intoxicação Humana por Agente Tóxico e Circunstância.** Disponível em: <[https://sinitox.iciet.fiocruz.br/sites/sinitox.iciet.fiocruz.br/files//Brasil6\\_2.pdf](https://sinitox.iciet.fiocruz.br/sites/sinitox.iciet.fiocruz.br/files//Brasil6_2.pdf)>. Acesso em: 01 mar. 2020.

ABIMIP. **Economia Gerada Através do Uso de Medicamentos Isentos de Prescrição.** Disponível em: <[https://abimip.org.br/uploads/noticias/mips/Cesar\\_Bentim\\_mips.pdf](https://abimip.org.br/uploads/noticias/mips/Cesar_Bentim_mips.pdf)>. acesso em: 1 mar. 2020.

CARVALHAES, E.; NUNES, O.; HIRAI, S.; MARQUES, G.; FOLLI, B. **GUIA INTERFARMA.** Disponível em: <[guia-interfarma-2019-interfarma2.pdf](#)>. Acesso em: 01 mar 2020.

OLIVEIRA, B. M. C.; NAKAMURA, E. A. S.; BETIATI, V.; NISHIDA, F. S. **AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS.** Disponível em: <<http://rdu.unicesumar.edu.br/bitstream/123456789/3614/1/BRUNA%20MARIA%20CRISTINO%20OLIVEIRA.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2020.

PIRES, M. S.; DIAS, A. D. P.; PINTO, D. C. L.; GONÇALVES, P. G.; SEGHETO, W. O. **USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOESTIMULANTES SEM PRESCRIÇÃO MÉDICA POR ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS.** Disponível em: <<https://revista.fagoc.br/index.php/saude/article/view/370>>. Acesso em: 5 mar. 2020.

HAQUE, M.; RAHMAN, N. A. A.; McKIMM, J.; KIBRIA, G. M.; MAJUMDER, M. A. A.; HAQUE, S., Z.; ISLAM, M., Z.; ABDULLAH, S., L., B.; DAHER, A., M.; ZULKIFLI, Z.; RAHMAN, S.; KABIR, R.; LUTFI, S., N., B. **Automedicação de antibióticos: investigar a prática entre estudantes universitários da Universidade de Defesa Nacional da Malásia.** Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6529675/>>. Acesso em: 5 mar. 2020.

ABDI, A.; FARAJI, A.; DEHGHAN, F.; KHATONY, A. **Prevalência de prática de automedicação entre estudantes de ciências da saúde em Kermanshah, Irã.** Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/29970167>>. Acesso em: 5 mar. 2020

GALATO, D.; MADALENA, J.; PEREIRA, G., B. **Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação.** Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232012001200017#tab01](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012001200017#tab01)>. Acesso em: 10 dez. 2020.

ARAIA, Z., Z.; GEBREGZIABHER, N., K.; MESFUN, A., B. **Prática de automedicação e fatores associados entre estudantes da Faculdade asmara de Ciências da Saúde, Eritreia: um estudo transversal.** Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6381702/>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

ESSA, M., A.; ALSHEHRI, A.; ALZHRANI, M.; BUSTAMI, R.; ASNAN, S.; ALKERAIDEES, A.; MUDSHIL, A. **Práticas, conscientização e atitudes em relação à automedicação de analgésicos entre estudantes de ciências da saúde em Riade, Arábia Saudita.** Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6362167/>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

ALSHOGRAN, o., y.; ALZOUBI, K., H.; KHABOUR, O., F.; FARAH, S. **Padrões de automedicação entre estudantes da Universidade Médica e Não Médica na Jordânia.**

Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6143637/>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

SUSHEELA, F.; GORUNTLA, N.; BHUPALAM, K., P.; VEERABHADRAPPA, V., K.; SAHITHI, B.; ISHRAR, S., M., G. **Avaliação do conhecimento, atitude e prática em relação à automedicação responsável entre estudantes de faculdades de farmácia localizadas no distrito de Anantapur, Andhra Pradesh, Índia.** Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6088819/>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

ESAN, D., T.; FASORO, A., A.; ODESANYA, O., E.; ESAN, T., O.; OJO, O., F.; FAEJI, C., O. **Avaliação das práticas de automedicação e seus fatores associados entre graduandos de uma universidade privada na Nigéria.** Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6317103/>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

ALBUSALIH, F., A.; NAQVI, A., A.; AHMAD, R.; AHMAD, N. **Prevalência de Automedicação entre Estudantes de Faculdades de Farmácia e Medicina de uma Universidade do Setor Público em Dammam City, Arábia Saudita.** Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5622363/>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

AHMADI, S., M.; JAMSHIDI, K.; SADEGHI, K.; ABDI, A.; Vahid, M., P. **A prevalência e fatores afetando a automedicação entre estudantes da Universidade de Ciências Médicas de Kermanshah em 2014.** Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4948418/>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

MORGAN, H., L.; PETRY, A., F.; LICKS, P., A., K.; BALLESTER, A., O.; TEIXEIRA, K., N.; Dumith, S., C. **Consumo de Estimulantes Cerebrais por Estudantes de Medicina de uma Universidade do Extremo Sul do Brasil: Prevalência, Motivação e Efeitos Percebidos.** Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022017000100102](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022017000100102)>. Acesso em: 10 jan. 2021.

KUMAR, A.; VANDANA; ASLAMI, A. **Analgésicos automedicação entre estudantes de graduação de uma Faculdade de Medicina Rural.** Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5242032/>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

HASHEMZAEI, M.; AFSHARI, M.; KOOHKAN, Z.; BAZI, A.; REZAEI, R. **Knowledge, attitude, and practice of pharmacy and medical students regarding self-medication, a study in Zabol University of Medical Sciences; Sistan and Baluchestan province in south-east of Iran.** Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7807440/>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

ZEWDIE, S.; AANDARGIE, A.; KASSAHUN, H. **Self-Medication Practices among Undergraduate University Students in Northeast Ethiopia.** Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7457820/>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

SILVA, M., G., C.; SOARES, M., C., F.; MUCCILLO-BAISCH, A., N.. **Automedicação em universitários da cidade de Rio Grande, Brasil.** Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3444910/>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

AQUINO, D., S.; BARROS, J., A., C.; SILVA, M., D., P. **A automedicação e os acadêmicos da área de saúde.** Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232010000500027](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000500027)>. Acesso em: 12 jan. 2021.

DIÓGENES, M., A., R.; PAGLIUCA, L., M., F. **Teoria do Autocuidado: Análise Crítica da Utilidade na Prática da Enfermeira.** Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/4458>>. Acesso em: 05 mar 2021.

MONTEIRO, O. **PL que Cria o Dia Nacional do Autocuidado e dá outras providências.** Disponível em: <[https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=E8D92E0AFDF8AFE305CC06F1CBB4792A.proposicoesWebExterno1codteor=1642800&filename=Tramitacao-PL+9714/2018](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=E8D92E0AFDF8AFE305CC06F1CBB4792A.proposicoesWebExterno1codteor=1642800&filename=Tramitacao-PL+9714/2018)>. Acesso em: 07 mar 2021.

McCORMACK, D. **Exame do Conceito de Autocuidado Revela uma Nova Direção para a Reforma da Saúde.** Disponível em: <<https://www.longwoods.com/content/16342/nursing-leadership/an-examination-of-the-self-care-concept-uncovers-a-new-direction-for-healthcare-reform>>. Acesso em: 05 mar 2021.

SANTOS, B., RAMOS, A., FONSECA, C. **Da formação à prática: Importância das Teorias do Autocuidado no Processo de Enfermagem para a Melhoria dos Cuidados.** Disponível em: <<http://journalofagingandinnovation.org/wp-content/uploads/6-Autocuidado-forma%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 05 mar 2021.

RAIMUNDO, J. **Venda de Medicamentos Isentos de Prescrição.** Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cssf/arquivos/audiencia-publica-2018/audiencia-publica-comercializacao-de-medicamentos-isentos-de-prescricao-mip-em-supermercados-e-estabelecimentos-congeneres/apresenta>>. Acesso em: 14 mar 2021.

PAULA, A., J., F. **PROTOCOLO PARA PRESCRIÇÃO E DISPENSAÇÃO DE MEDICAMENTOS DE ATENDIMENTO MÉDICO-HOSPITALAR NO ÂMBITO DO SISTEMA MUNICIPAL DE SAÚDE DE SÃO JOSÉ DOS PINHAIS – PR.** Disponível em: <<http://www.sjp.pr.gov.br/wp-content/uploads/2018/09/PROTOCOLO-PARA-PRESCRI%C3%87%C3%83O-E-DISPENSA%C3%87%C3%83O-DE-MEDICAMENTOS-EDI%C3%87%C3%83O-02-2016.pdf>>. Acesso em: 14 mar 2021.

FIGUEIREDO, T., A.; ANDRADE, J., M.; PEPE, V., L., E. **Seleção de medicamentos essenciais e a carga de doença no Brasil.** Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csp/2014.v30n11/2344-2356/pt/#>>. Acesso em: 15 mar 2021.

LEI, X.; JIANG, H.; LIU, C.; FERRIER, A.; MUGAVIN, J. **Prática de automedicação e**

**fatores associados entre residentes em Wuhan, China.** Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5800167/>>. Acesso em: 21 mar 2021.

SHAFIE, M.; EYASU, M.; MUZEYIN, K.; WORKU, Y. **Prevalência e determinantes da prática de automedicação entre domicílios selecionados na comunidade de Adis Abeba.** Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5868796/>>. Acesso em: 21 mar 2021.

TESFAMARIAM, S.; ANAND, I., S.; KALEAB, G.; BERHANE, S.; WOLDAI, B.; HABTE, E.; RUSSOM, M. **Automedicação com medicamentos contra o contator, prevalência de prática de risco e seus fatores associados em pontos de farmácia de Asmara, Eritreia.** Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6364400/>>. Acesso em: 21 mar 2021.

HASHEMZAIEI, M.; AFSHARI, M.; KOOHKAN, Z.; BAZI, A.; REZAEI, R.; TABRIZIAN, K. **Conhecimento, atitude e prática de estudantes de farmácia e medicina sobre automedicação, estudo na Universidade Zabol de Ciências Médicas; Sistan e província de Baluchestan no sudeste do Irã.** Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7807440/>>. Acesso em: 22 mar 2021.

MEKURIA, A., B.; BIRRU, E., M.; TESFA, M., T.; GETA, M.; KIFLE, Z., D.; AMARE, D. **Prevalência e Preditores da Prática de Automedicação entre estudantes universitários de formação de professores na região de Amhara, Etiópia: Um Estudo Transversal.** Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7884827/>>. Acesso em: 22 mar 2021.

NIWANDINDA, F.; LUKYAMUZI, E., J.; AINIBYONA, C.; MURUNGI, G.; ATUKUNDA, E., C. **Padrões e práticas de automedicação entre estudantes matriculados na Universidade de Ciência e Tecnologia de Mbarara em Uganda.** Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7025657/>>. Acesso em: 22 mar 2021.

KUMAR, N.; KANCHAN, T.; REKHA, T.; MITHRA, P.; KULKARNI, V.; HOLLA, R.; UPPAL, S. PAPANNA, M., K. **Percepções e Práticas de Automedicação entre Estudantes de Medicina no Sul da Índia Costeira.** Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3756058/>>. Acesso em: 22 mar 2021.

KHADKA, A.; KAFLE, K., K. **Prevalência de automedicação entre estudantes do MBBS de uma faculdade de medicina em Katmandu.** Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7654451/>>. Acesso em: 22 mar 2021.

SHERESTHA, J., T., M.; KUSHWAHA, D., K.; TIWARI, S. **Estudo de Automedicação entre estudantes de graduação médica e odontológica do primeiro e sétimo semestre do Hospital Universitário de Atenção Terciária no Nepal: Um Estudo Transversal**

**Descritivo.** Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7893408/>>. Acesso em: 22 mar 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **The Role of the Pharmacist in Self-care and Self-medication.** Disponível em: <<https://apps.who.int/iris/handle/10665/65860>>. Acesso em: 19 abril 2021.